

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — CASIMIRO ABREU. — ERNESTO BIESTER. — F. GOMES D'AMORIM. — F. PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALO. — FRANCISCO ROMANO GÓMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. M. DE SOUSA MONTEIRO. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 35600 rs. — Semestre 15920 rs. — Trimestre 15000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM 30 — SABBADO, 26 DE JULHO DE 1856.

PROVINCÍAS — FRANCO — ANNO 45000 — Semestre 25100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000.

SUMMARIO.

Physiologia das platéas de Lisboa (continuação) — A arte dramatica e o theatro normal (continuação) — Impressões de viagem — A ponte d'Algés — O vapor Uncle Sam — Uma rua de Moka — Os contos do tio Joaquim — Retratos dos nossos homens politicos (continuação) — Chronica — Collegio do Espirito Santo, em Evora — Asylo da Mendicidade no Porto — Bibliographia.

GRAVURAS — Ponte d'Algés — Collegio do Espirito Santo — O vapor Uncle Sam — Asylo da Mendicidade — Uma rua de Moka.

PHYSIOLOGIA DAS PLATÉAS DE LISBOA.

(Continuação).

I

Platéea de San' Carlos. — Seus lineamentos mais caracteristicos. — Qual é a sua importancia em relação ás outras platéas do mundo musical.

Mal sabia Horacio quando resumia as discordancias das aberrações do gosto nas formas abortivas do seu *monstrum horrendo*, que fazia o retrato symbolico da platéea do nosso theatro lyrico!

Pois é uma verdade, que a maravilhosa perspicacia, ou antes a previsão lucida do critico latino alcançou, e que os nossos esforços de analyse acabam agora de descobrir.

A platéea de San' Carlos, pela diversidade de elementos que a compõem, e pela disparidade de sensações e fins que a instigam ás mais solennes, turbulentas ou caricatas manifestações, tem a sua imagem pittoresca na allegoria satyrica da *epistola aos Pisões*.

Não que o publico habitual do nosso theatro de canto tenha cabeça de minotauro, tronco de sphinx, azas de grypho e pés de toiro: Deus nos livre de lhe fazer semelhante injuria, nem mesmo em rhetorica. Mas, como esse parto monstruoso que symbolisa as imaginações enfermas, como essa fabulada creação de membros e feições em conflicto, a platéea de San' Carlos é um conjunto de typos tradicionaes, de individualidades da epoca, de perfis intermediarios e esboços de ultimo plano, cujas idéas, tendencias, desejos, opiniões e compromissos, lhe dão uma physionomia complexa, hybrida, contradictoria e quasi que insubjeitavel ás tentativas do analysta consciencioso.

Mas não se pense que é em qualquer noite de spectaculo ordinario que a platéea do nosso theatro italiano revela os segredos de toda a variedade dos seus elementos physio-

logicos. Essas noites, pacificas, triviaes, sem pretexto a grandes affluencias, sem estímulo para as excitações estrondosas, apenas manifestam uma das suas faces. É preciso d'essas recitas que marcam epoca nos annos de bastidor, e em que uma celebridade cantante debuta, ou se annuncia o beneficio de algum dos idolos das predilecções da estação theatral, para as carruagens e coupes rodarem em tropel, o salão refluir de concorrencia e as platéas apresentarem uma d'essas enchentes, denominadas pomposamente na terminologia de theatro por *enchentes reacas*.

Enão aquelles renques de bancos e poltronas são occupados de tudo que representa a actividade, a importancia e por vezes o despotismo e o absurdo da opinião nos dominios das filhas de Appollo. O arcopago constitue-se, e senão em toda a sua authenticidade reflexiva, apreciadora e desapaixionada, pelo menos na força do seu numero.

Os *veredictum* d'estas aglomerações nem sempre são os que mais exprimem o juizo conciso da critica illustrada; eomtudo, mesmo por entre os bravos phreneticos dos proclamadores das excellencias do contralto e das notas eolicas do soprano, mesmo atravez da atmospheria de *bouquets* e acrosticos dos Tirteos de camarim, mesmo em despeito do fremito das palmas e brados dos espectadores de boa-fé, os instinctos das verdadeiras intelligencias musicas rebentam e predominam o clamor geral, assigna-

lando o triumpho do verdadeiro merito contra os desvairamentos das facções do palco.

N'um d'estes momentos, a platéea de San' Carlos é imponente, solemne, mas terrivel. O genio tutelar das bagatellas revoa em torno do lustre, incendiando com as suas negaças zombeteiras os mancebos que inauguraram o estandarte da velata e da pirueta. O nume da harmonia vela a frente e tapa, arripiado, os ouvidos para deixar correr os furacões de pateada e palmas que consagram, como salvas de artilheria, as victorias das *syphides* de bastidor. A mesma policia administrativa não é indifferente a este quadro de manifestação enthusiastica, e do camarote ou de alguns sitios reconditos espreita o momento em que a vivacidade do applauso de alguns dilettanti ardente degenera em vias de facto, para lhe recitar o calmante de uma detenção no Carmo.

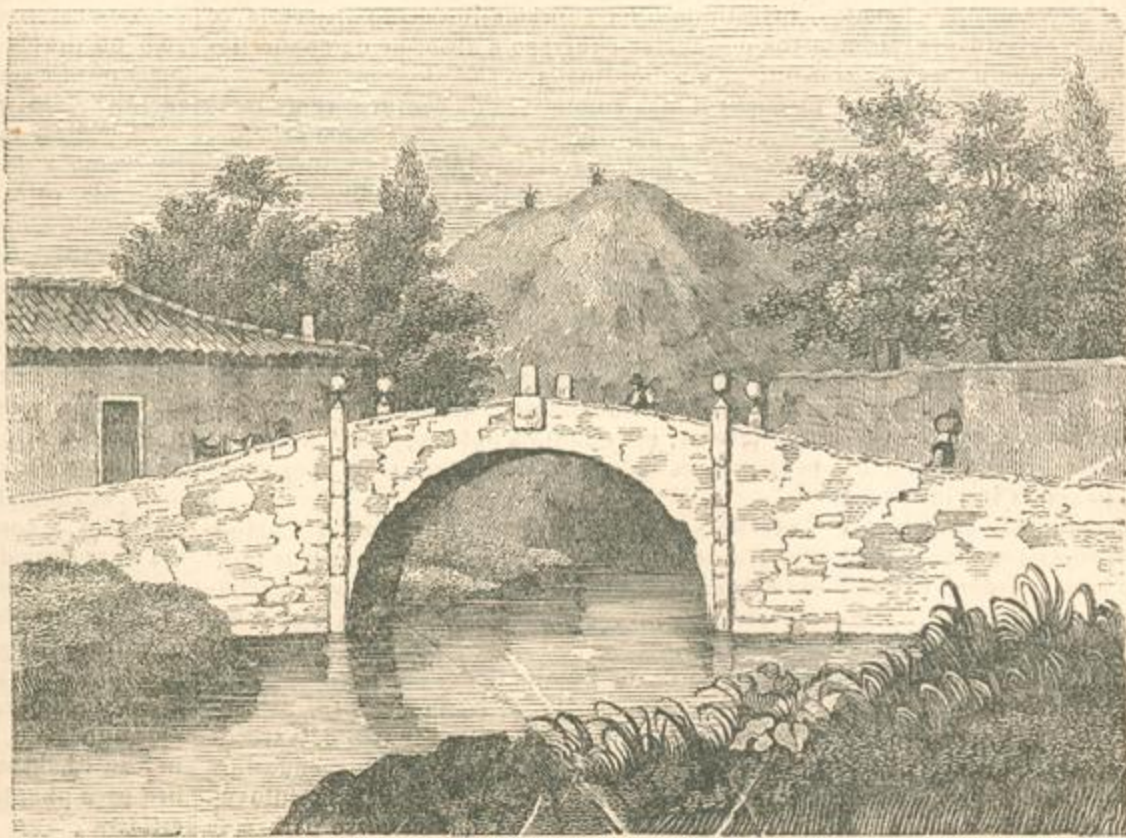
E no entanto, a platéea, como um monstro de centenas de cabeças que erga milhares de mãos com phrenesi e anciedade, como para fazer prevalecer as suas opiniões ao de cima do redemoinhar da voragem dos rostos, chapéos, lenços e acenos que abrange a sala em todo o seu ambito, é peor que todos os monstros fabulados pela phantasia poetica da antiguidade. Minotauro que traga muitas reputações artisticas, sphinx que faz tremer os animos mais resolutos ante as suas decisões mais ou menos enigmaticas, a platéea de San' Carlos, n'estas horas de calafrio para os empresarios, pronuncia a sorte de muita empresa e rasga o cartello apocrypho com que entre nós se apresenta muita larynge apoplectica.

Verdade é que contra estas sentenças clamorosas ainda resta aos Bruni e Saint-Martaints de todas as epocas (porque os Bruni e Saint-Martaints não são um individuo, são um typto de todas as scenas italianas) um recurso de appellação para as columnas dos jornaes. Mas a opinião de facto, isto é, a prepotencia do tacão e da palmada, triumpho de todas as tricas e alicantinas da artimanha de camarim, e a platéea vence o jornal, e a pateada supplanta a penna.

Ainda mais uma victoria da materia sobre o espirito.

A platéea de San' Carlos entra com jus de cathogoria n'esse grande arcopago do dilettantismo illustrado que confere ou refrenda diplomas de celebridade ás vocações lyricas, arcopago que ainda ha vinte annos se circunscrevia á platéea da Scalla, e que hoje se estende de San' Petersburg a Paris e de Londres a Washington.

A ignorancia ou parva predilecção d'aquelles que só vêem fora d'aqui a autoridade nos assumptos do gosto e da arte, tem-nos querido ne-



A ponte d'Algés.

gar este direito; mas os factos provam o contrario Foi do theatro de canto de Lisboa que saíram Fornazzari, Colletti, Tamberlick, Conti, Ferretti e outros, a proseguir na sua carreira de triumphos pelas principaes scenas lyricas da Europa e da America. A sua iniciação nos segredos da arte, foi consagrada pelo publico d'esta capital.

Foi ainda sobre o palco de San' Carlos que temos visto Listz, Thalberg e Alboni, essas realzas do canto e da harmonia, que acceitaram o nosso voto como mais uma confirmação das ovações que as proclamam por toda a parte. E n'este sentido é preciso fazer justiça á nossa competencia em materia de gosto e intelligencia musical. Á primeira vista, a platéa de San' Carlos engana: parece futil, sem critério nem analyse, embasbacando ante todas as intimações dos jornaes parisienses, jurando sem consciencia nem razão de exame nas mãos de tudo que é de fora, contando que parta do Sena ou do Tamisa. Mas releva não a julgar pelas apparencias.

Verdade é que ella padece de suas velleidades. Mas quem é que as não soffre? Todo o homem tem a sua hora má, e feliz do que as passa dormindo. A platéa de San' Carlos segue as leis geraes dos corpos collectivos; é por vezes exagerada nas suas manifestações. Essa exaggeração ataca-a porém sómente quando lhe dá para exaltar e engrandecer. Então uma especie de febre, um phrenesi de applausos lhe põe as mãos em movimento convulsivo e estrepitoso e lhe converte todas as palavras n'um eterno e atroador *bravo!*

Mas essas ovações caricatas, forjadas nos conluios de hotequim, caem sepultadas em todo o ridiculo da sua origem pela gargalhada publica. Atraz d'essas palmas estrepitosas, d'esses berros venenos de uma *claque* boçal e repugnante a todos os instinctos da harmonia, d'esses retratos e versinhos em que se exaltam, no triumpho de alguns instantes, os dotes problematicos de alguma diva da scena, está sempre a parte sensata, está o senso commum da platéa que, de testa arrugada e alongando a mão severa, marca os limites da parodia a estas exaltações das predilecções de camarim.

ANDRADE FERREIRA.

A ARTE DRAMATICA E O THEATRO NORMAL.

Continuação.

II

Exponemos as causas, que tornaram o decreto de 22 de setembro mais nocivo, do que favoravel aos interesses, que devia tutelar.

Augmentaram as despezas, não se estimularam as letras, e os actores, trocando uma carreira segura por uma existencia precaria, perderam o incentivo, que os animava, e a decadencia cada dia progrediu mais!

São unanimes para o attestar os algarismos e os factos!

No fim de tres annos a reforma acha-se condemnada pelas suas obras, e muitos que não duvidavam antes, começam hoje a desconfiar, de que não seja uma triste utopia o sacrificar importantes gastos no intuito de formar um theatro, digno d'uma nação culta, e d'uma das capitales mais formosas da Europa.

Não accusámos, nem accusamos ninguém de culpa voluntaria. O mau exito imputamol-o á mania burocratica, principio fatal, e ruina de outras muitas coisas esperanças.

O delicto procede menos dos homens, do que do vicio da organização de certas repartições.

O ciuime de abarcar exclusivamente todos os assumptos, ainda os mais estranhos á sua esphera natural de acção, fez com que a secretaria de estado dispensasse o exame e a publicidade.

Se quizesse ouvir primeiro o voto das autoridades competentes, e não desprezasse os trabalhos, que n'esse momento mesmo se elaboravam com elogio do governo, e de accordo com pessoas habilitadas, estamos certos de que não se teriam repetido os defeitos dos decretos de 1846 e de 1848, evitando-se tambem os do novo regulamento, que não aggravaram pouco o mal, em vez de o extirpar.

O segredo inquisitorial, com que tudo se tratava para a lei estalar de repente como um castigo, e não como um beneficio administrativo, cegou a vista aos legisladores, e produziu os resultados, que apontámos no antecedente artigo, e os mais que não mencionámos para não exceder a necessaria concisão.

Mas hoje que o tempo correu, dando largas á experiencia para observar com miudeza, parece-nos oportuna a occasião para se decidirem com pausa as intrincadas questões, que o objecto suscita, subordinando-as ao pensamento da arte, que deve dominal-as em tudo, e medindo a solução pelos meios, de que podemos dispor, e pela urgencia, e necessidades, a que importa acudir logo.

Na organização d'um theatro normal ha duas partes distinctas, que não convem esquecer, nem deixar confundir.

Como empresa tem uma indole mercantil; como escola do gosto e instituição litteraria tem deveres e obrigações especiaes.

Os decretos de 30 de janeiro de 1846 e de 2 de maio de 1848 peccaram por confiar de mais na influencia do segundo aspecto, em quanto o de 22 de setembro, repre-

sentando a reacção, tomou um caracter arbitrario e industrial, que sempre repugna, mas que sobre tudo é odioso, quando o governo desce ao papel de empresario, ditando as condições com a mesma força com que dissolveu os contractos.

A prova do que asseveramos encontra-se em diversos actos, dos quaes citaremos só um, que é bastante significativo!

Existiam no quadro da sociedade dos actores do theatro de D. Maria tres discipulas do Conservatorio, que foram promovidas na conformidade da lei até ao grau de societarias de segunda classe.

Duas d'ellas, posto que medioeres no talento, desempenhavam sem nota os seus papeis, e não eram mal acceitadas do publico, merecendo applausos em alguns papeis.

Apenas a reforma se poz em execução, estas alumnas, que a lei e os direitos adquiridos garantiam, foram despedidas, e o seu curso do Conservatorio não lhes serviu nem para uma attestação de mendicidade!

Em quanto este rigor immercedido annullava por um rasgo de penna as promessas da lei e a carreira das tres discipulas, o valimento poderoso d'um ministro mandava escripturar duas actrizes vulgares, que tinham sido impostas illegalmente á sociedade, e que nunca subiram á scena pela sua reconhecida incapacidade!

Para a exclusão das alumnas do Conservatorio (proscriptas sem dó) invocou-se a economia e a falta de merito relevante; para a admissão das actrizes favorecidas bastou a vontade prepotente do secretario de estado, autor do decreto.

Eis o que não succedia se a lei incluísse os principios e garantias, que se omittiram, e que roubaram aos artistas o futuro e a esperanza.

O defeito capital do decreto de 22 de setembro, a nosso ver, é a abusiva concentração das attribuições litterarias nas mãos do commissario, que assim armado, mesmo sem o querer, pode prejudicar os interesses da arte, cedendo ás preoccupações da gerencia executiva.

O sr. D. Pedro do Rio, tão severo como probo, é o primeiro a deplorar um excesso de autoridade, que, sem nenhuma vantagem real, serve só para multiplicar os embaraços, e a responsabilidade.

Instituido o conselho dramatico era logico e justo deferir-lhe a inspecção litteraria do theatro, unindo a censura, ou critica das peças com a fiscalisação artistica do serviço dramatico.

D'este modo, a escolha das obras, a pureza do estylo, e o melhor desempenho correriam livres e desassombrados de calculos mercantis, e os autores e actores encontrariam em um corpo collectivo, composto dos seus pares, e protectores naturaes, o auxilio e o estimulo, que a administração economica não tem vagar, nem missão para lhes facilitar.

O conselho, alargando-se-lhe a esphera das faculdades, deve intender na direcção intellectual da scena, verificar os progressos, aconselhar os poetas, e animar os artistas, propondo premios, modificando os regulamentos, resolvendo os conflictos, e estendendo a todos os ramos da complicada organização theatral os seus cuidados e a sua fecunda iniciativa.

Com a limitada acção, que o regulamento actual lhe permite, separado do theatro, aonde só é chamado para fiscalisar as contas, ou para formar consultas fora do palco e das hypothèses, a que lhe pertence prover, vê as coisas de longe e tem os braços atados, achando-se na dolorosa posição de manifestar simplesmente os melhores desejos sem lhe caber a honrosa e proficua influencia, que repara os erros, e, sondando os males de perto, applica sem demora o remedio adequado.

É claro, pois, que a primeira e mais importante modificação a introduzir no decreto de 22 de setembro consistiria em se ampliarem as attribuições do conselho dramatico, investindo-o na suprema inspecção litteraria, e tirando-lhe o caracter equivoco e absurdo de chancellaria consultiva, e subordinada.

A invenção d'uma commissão de censura, remunerada com salario indigno, tanto pela somma como pela forma da percepção, repugna ao sacerdocio da critica exercido pelos seus vogaes, e ao melindre pessoal.

Instituição auxiliar do ministerio do reino e da inspecção geral dos theatros, o conselho dramatico não se comprehende senão como o estabelecio o projecto de 1853, elaborado pela commissão inspectora de accordo com a inspecção dos theatros.

Deve dividir-se em duas secções, revesadas de seis em seis mezes, ou annualmente; uma d'ellas exercendo a critica litteraria, em quanto a outra superintende e fiscalisa os interesses moraes, a disciplina, e os progressos artisticos.

Em vez de sete vogaes, como lhe determina o artigo 15 do decreto de 22 de setembro, conviria mais que fosse composto de dez membros, e que entre estes se repartissem por sorteio as funções onerosas da censura e da fiscalisação theatral.

Os resultados de semelhante plano são obvios.

O repertorio, attendendo-se, como cumpre, ás conveniencias industriaes da scena, nem por isso deixaria de adoptar e recompensar as obras primas, offerecendo-lhes accesso franco, e premios, quando o valor absoluto da obra correspondesse ás condições do concurso para esse fim declarado logo no principio de cada epoca theatral.

As versões mascavadas, as peças enfesadas e rachiti-

cas, e as tentativas improprias da primeira scena, depois de repellidoas, não tomariam o passo ás elucubrações dos engenheiros acurados, e dos escriptores estudiosos.

Os talentos incipientes, que de ordinario ninguém conhece, nem apoia, teriam nos vogaes do conselho uma reunião escolhida de amigos zelosos da arte, e de juizes imparciaes, que se haviam de esmerar em festejar as provas de qualquer vocação feliz.

Os actores achariam, do seu lado, facil acolhimento e prompta justiça: os principiantes para serem promovidos, os antigos para juntarem ás coróas passadas outras novas, perante a concorrência, annualmente franqueada, para a criação de papeis comicos e dramaticos.

Se o theatro é a escola pratica da declamação portugueza, estes incentivos são indispensaveis.

Não se trata ali só de arrecadar receitas, e de pagar ordenados ao balcão.

O lucro deve servir para ampliar os meios de purificar o gosto, de animar e de estimular o aperfeicoamento do estudo, dos autores e dos actores, e as perdas, sendo justificadas, não se devem olhar como erros de especulação, mas como consequencias de um systema, que no começo sempre custa a insinuar, e que só o tempo e a illustração das platéas naturalisam completamente.

Não se entenda, porém, que applaudimos, como efficaç, a rigorosa classificação dos generos decretados para o theatro normal pelo regulamento de 22 de setembro.

Raras vezes se colhem fructos sazonados de experiencias temerarias!

Quem conhece a estatística theatral nos annos em que se concedeu maior liberdade ás representações, e a compara com os resultados obtidos depois da reforma de 1853, não pode negar o testemunho dos factos, nem deixar de lhe attribuir a significação, que elle envolve.

Excluir da scena algumas peças sob pretexto de que ellas ferem mais os sentidos, do que a intelligencia, equivale a querer fundar de salto o que só os annos e a educação das platéas hão de conseguir.

Em Portugal, aonde, (que nos conste) nunca escreveram Corneilles, Racines, e Molières, o repertorio puramente classico não passa de uma illusão impossivel; e ditos nos deveriamos nós considerar se a inclinação dos autores os levasse, como Garrett desejava, a temperarem nas fontes originaes da Melpomene e da Thalia castelhana a veia espiituosa, que é propria da nossa indole.

O que se teima em excluir com a nefanda excommunição de *Melodramas* reina em scenas mais elevadas, e pode citar em seu favor o nome e a reputação de grandes poetas.

Respeitada a verosimilhança e os costumes, figurados os caracteres com viveza e logica, e enredado o entredo das peças com interesse e arte, já se obteve muito; e exigir sobre isso o plano regular, a simplicidade elegante, e os lances bem traçados de fr. Luiz de Sousa e de Chaterton seria o mesmo que dar ás excepções brilhantes o logar que só compete á regra commum.

Similhanças moldes são tão estreitos, que nem Dumas, nem V. Hugo, nem Goethe, nem Calderon, nem Schiller caberiam n'elles. Em presença das novas pandectas dos Justinianos theatraes, *Marion de Lorme*, *Henrique 5.º*, *O Conde de Egamonte*, e os *Salteadores* ficariam fora das portas do theatro, sem lhe valerem os rasgos admiraveis de paixão, nem a pintura ardente e colorida, que torna tão formosos os quadros sublimes, que encerram.

Reprehennder, como baixo e indigno da scena o *Alcaide de Faro*, porque une á acção dramatica o spectaculo e o movimento, que ella não só pede, mas comporta, é esquecer até a pompa e os ornamentos coraes e decorativos da tragedia grega, modelo inimitavel, que nos apontam a cada hora, mas que tambem retiram a cada passo, apenas vêem que elle confirma o que hade sempre ser eterna verdade nos dominios da arte.

Os austeros carpinteiros das poeticas, para prohibirem no drama moderno o que era concedido na forma mais pura e severa do theatro antigo, teem de fechar primeiro Schilo, Sophocles e Euripides.

Censurar em uma vista do deserto, em uma scena arabe, como a que representa um dos actos do *Templo de Salomão*, os camellos da caravana, os canticos, e depois o fausto e a opulencia da córte do filho de David, é negar á expressão historica a sua vestidura local, e a sua physionomia propria.

Os monos de papelão, os exercicios de polé e corda bamba, as maromas e volteios de saltimbancos, ou as extravagancias exoticas de cerebros enfermos, que se procreavam e risquem achamos justo e necessario; mas a pretexto de restituir á scena um lustre falso e um rigor exagerado, ordenar que ella não conheça senão a simplicidade, acanhar-lhe os limites, subjeital-a a pês e algemas absurdas, e condemnar o que pode attrahir a concorrência só porque diverte, ou porque move o riso, parece-nos que não está longe da gravidade aprumada dos bonzos indios, que os oleiros indigenas modelam sempre de olhos extaticos, braços e pernas cruzadas, e com a mitra inevitavel na cabeça.

Antes de excluir, por exemplo, as magicas, (e ha muitas dignas de reprovação) não valeria a pena de saber se Shakspeare por acaso não escreveria uma celebre peça phantastica intitulada *O Sonho de uma noite de estio?*

Para expurgar o theatro de oratorias não se deveria primeiro indagar se Calderon, Alfieri, Voltaire, e outros

nescios classicos não escreveram n'esse genero dramas estimados?

A prudencia e a reflexão é que hão de reger a escolha n'estes pontos.

Se o theatro se collocar de proposito fora do circulo das sympathias das platéas, imaginam que formam o gosto na solidão? A quem ensinam se não teem ouvintes? A quem aperfeicoam se pregam no deserto?

A dieta do doutor Tirté-Fuera de D. Quixote, applicada á scena, dá em resultado a morte do theatro por deffinamento.

Como se não podem prender a cordel os espectadores, creiam que elles hão de vingar-se do somno, ou do fastio dos exercicios dialogados, buscando o prazer e a alegria em outra parte.

O theatro normal não deve perder isto de vista; e por isso é que a sua gerencia requer ao mesmo tempo um administrador probo e inexoravel, uma critica sagaz, ecletica e accessivel, e um ensaiador habil, activo, e capaz de acudir a todas as laboriosas e variadas obrigações do seu cargo.

Ha epochas e tempo opportuno para tudo. Importa saber aproveitá-las e não exceder os limites verdadeiros.

Em a primeira scena portugueza se mostrando hospitaleira para com as boas obras, e em se não poupando a esforços e despesas para as representar dignamente, satisfizes ao seu dever. O resto dos espectaculos deve distribuir-se de modo, que se alternem as peças de exemplo e de estudo com os dramas (sempre litterarios), porém mais livres e ornados no seu desinvolvimento.

Longe de vermos crime, ou erro, n'isto, louval-o-hemos como acerto e boa direcção.

Agora consultemos a estatistica, e notemos como ella confirma estas observações durante um periodo de quatro annos — de 1848 a 1851.

O *Alcaide de Faro* teve trinta e duas recitas no anno de 1848, as quaes renderam 6:905\$380 rs.

Em 1849 seis representações do mesmo drama produziram 1:026\$640 rs.; e no anno de 1850 cinco recitas do *Alcaide* subiram ainda a 489\$320 rs.

Só esta peça, á sua parte, deu, pois, ao theatro oito contos e mais de quatro centos mil réis.

Passemos ao *Templo de Salomão*.

Subiu á scena em 1849, e contou cincoenta e oito representações só n'esse anno, as quaes produziram réis 14:738\$910.

Em 1850 teve mais vinte e uma recitas que renderam 4:443\$200 rs.

O total de todas as entradas, que deu este drama, eleva-se a perto de 20:000\$000!

Não citaremos mais.

Percorrendo os mappas respectivos salta logo com evidencia aos olhos a decidida sympathia do publico pelos dramas de pompa, pelas obras magicas e pelas peças phantasticas.

Uma d'estas — *O Diabo a Quatro* — obteve quarenta e seis representações, e a propria *Fada do Frilz*, tão censurada, não desceu de vinte!

Estes são os factos.

Convirá despresal-os, e restringir os generos rigorosamente no theatro normal, excluindo de proposito o que as platéas procuram e applaudem?

Que respondam os deficits successivos, que tem havido depois.

E não se diga, que a introduccão das peças apparatus e das phantasticas prejudica a representação dos bons dramas originaes. N'este ponto as estatisticas não consentem duvida.

No anno de 1849, em que resplandeceu a ovação triumphal do *Templo de Salomão* com cincoenta e oito recitas, representaram-se quinze dramas, doze comédias, duas peças de espectáculo e duas magicas, e entre estas contam-se não menos de treze obras originaes, e de dezete peças, ainda não vistas na scena.

Em 1850, apesar de vinte e uma recitas do *Templo de Salomão*, de cinco do *Alcaide de Faro*, de vinte e quatro do *Diabo a Quatro*, e de quarenta e tres da primeira parte da opera lyrica o *Duende*, o numero das obras originaes não foi inferior a quinze.

O que se segue de tudo isto?

Que a concorrência attrahida pelas peças mais acceltas auxilia os dramas de maior esmero e correcção, em vez de lhes ser nociva; e que a administração de uma empresa despendiosa, como a do theatro de D. Maria II, a pretexto de formar o gosto á força, não deve perder as occasiões opportunas de convidar tambem as multidões, offerecendo-lhes espectaculos adequados á sua inclinação.

Que a escolha seja severa e habil, concordamos: que as monstruosidades e os absurdos, cantados ou recitados, sejam proscriptos, achamos não só justo, mas essencial; porém que se desterrem, em globo, e em nome só d'uma classificação vaga e incompleta, os dramas phantasticos e as peças de pompa, parece-nos exagerado rigor, e o que é peor, ou igual, mau calculo de administração litteraria.

No repertorio hespanhol, e no theatro italiano ha modelos de ambos os generos, que se autorisam com as mais solidas reputações da musa dramatica.

Não se julgue, que as novidades francezas, (unicas exploradas!) são sempre novas.

Em o theatro de D. Maria II, ou antes a sua inspecção, querendo applicar os meios, creia que os fins não a hão de desmentir.

O que se carece ali é de uma direcção litteraria firme intelligente, e laboriosa; a antiga sociedade, que ás vezes se inspirava bem, deixou-lhe nos seus livros a lição pratica de vencer os grandes apuros, recorrendo a dramas, que povoem as platéas na estação, em que as classes mais elevadas desertam da capital, e em que a scena lyrica fecha as portas.

Porque não se hão de seguir os exemplos comprovados pelo exito?

Acreditem que não obrigam o publico a assistir a representações, que o enfastiem, ou o não divirtam. Educar na solidão equivale a não educar ninguem.

O que importa assegurar, sobretudo, é que as composições originaes, dignas das provas da scena, sejam preferidas para a representação, e que se ponham em acção todos os esforços para que lhes não falte nenhum dos auxilios da arte.

A primeira condição é facil de consignar.

Basta abrir a matricula das peças seguindo tres categorias distinctas: — originaes, imitações, e traducções; determinando depois que as primeiras nunca sejam preferidas pelas segundas, nem estas pelas ultimas, em quanto a inscripção não estiver esgotada.

D'este modo os autores, certos da prioridade, não podem receiar que, á sombra de imaginarias conveniencias, o fructo do seu trabalho haja de ceder a motivos futeis, e a sordidas especulações, nem que as elucubrações importantes, que são a riqueza de um repertorio nacional, sejam offuscadas por coisas inferiores.

Outro ponto que se liga intimamente com este é a necessidade de limitar certas evoluções, filhas de um falso pensamento mercantil, e dirigidas para attenuarem o lucro honesto e razoavel, que o poeta, com razão, deve pedir, segundo a lei, pelo estudo que lhe custaram as creações.

Fallamos do errado, e ruinoso abuso de cortar com peças vistas, e a pretexto de beneficios, ou de variedade de espectaculos, as recitas de dramas, que sendo acceitos, longe de causarem perda, asseguram ao theatro boas recitas e numerosos espectadores.

Fica mal a uma empresa do governo dar ouvidos a similhantes calculos, e para encurtar a verba dos direitos de autor, permittir a suspensão temporaria de espectaculos, que a experiencia demonstra que nunca se interromperam impunemente.

Bem examinada a questão, achar-se-ha que a administração não ganha, antes descae, e que os poetas padecem no exito das obras, e nas vantagens legitimas, que esperam d'ellas.

Não nos alargamos por hoje mais.

Ha economias a verificar em todos os ramos do serviço dramatico, e mais ainda do que economias, reformas proficuas a introduzir.

Distribuir a despeza com dobrada utilidade quasi corresponde a duplicar a receita; e no orçamento do theatro de D. Maria apparecem alguns capitulos, que se prestam a este melhoramento indispensavel.

Os supprimentos indispensaveis para um estabelecimento d'esta indole, em vez de custarem seis por cento de juro, e o ordenado de 300\$000 rs. a um caixa, além do beneficio, e outras vantagens, podem simplificar-se por meio de um credito no banco de Portugal, garantido pelo subsidio de seis contos, e saccado por meio de xques.

Confiamos na illustrada e integra gerencia do sr. D. Pedro do Rio, e por isso não hesitamos em lhe lembrar este alvitte.

O logar de caixa pode ser eliminado, ou substituido, e os sacrificios que elle impõe ficarão diminuidos em metade, se s. ex.^a accitar esta lembrança, que reputamos de summa conveniencia.

No seguinte artigo, em que tencionamos occupar-nos da disciplina do palco, e de outros assumptos correlativos, continuaremos o exame critico da situação do theatro, mencionando os aperfeicoamentos, que julgamos urgentes.

O actual ministro do reino, e o commissario, o sr. D. Pedro do Rio, estranhos a corrilhos, e sinceros em desejar o bem, não são homens que despresem o que lhes parecer util e aproveitavel.

Continua.

L. A. REBELLO DA SILVA.

CARTA—PREFACIO—A D. ANTONIO DA CAMARA (CONDE DE CARVALHAL).

Meu caro amigo:—Dedico-te estas impressões de viagem, como sabes inspiradas, e pela maior parte escriptas n'aquella agradável, e para mim tão saudosa epocha, que passamos junto na ilha da Madeira.

Sem a pretenciosa e hypocrita modestia, atravez da qual se vê borbulhar a ridicula vaidade de tanto semsaborão que ha por ahí, direi, que reconheço ingenuamente a insignificancia litteraria d'esta composição. Se apesar d'isto a arranco do fundo da pasta onde jazia, e a dou ao publico, é por ser a minha primeira tentativa em prosa, tentativa que deve servir de ballisa para no futuro, se á força de trabalho conseguir fazer alguma coisa mais perfeita, não me accusarem de ficar sempre marcando passo.

Para ti estes incorrectos ensaios teem outra significa-

ção, e é por isso que t'os offereço. Encerram elles a memoria de dias em que vivemos tão estreitamente ligados, como provavelmente nunca mais tornaremos a viver; não porque a nossa amizade tenha resfriado, espero em Deus que havemos de conservar-a sempre sincera e intima, mas porque as circumstancias em que nos achamos agora são totalmente diversas.

Apesar de estarmos ainda os dois no pleno calor da juventude, já volvemos muitas vezes olhos melancolicos para o passado, onde as ficções graciosas e coloridas, que nos povoavam a existencia, vão fugindo pallidas, como as nuvemzinhas do poente varridas pelo vento que se levanta com a aproximação da noite.

Hoje a vida conta-se pela actividade do espirito, e não pelo numero de annos que tem decorrido; em bem curto espaço de tempo devoram ás vezes toda uma longa existencia. O coração ainda moço tenta debalde dilatar-se por affectos que o enthusiasmo idealisa, a vista anciosa procura debalde o prisma variado e brilhante das illusões; a face triste e opaca da realidade está sempre diante de nós armada dos seus fataes desenganos!

Os *contrabandistas* litterarios quasi que nos inibem de podermos fazer estas observações, infelizmente tão verdadeiras. A força de as declamarem em prosa coxa, e verso mais coxo ainda, teem conseguido tornal-as banaes e ridiculas. E estou meio arrependido de que me tenham escapado n'um momento de expansão imprevis'a, porém já agora não as retiro. Essa gente que por ahí ralha de tudo, quando deitar os *caninos* e *incisivos* da sua critica, sempre malevola e grosseira, á minha humilde pessoa, pode tambem chamar-me á autoria por mais este peccadilho.

Junho de 1856.

Teu amigo

R. A. de Bulhão Pato.

IMPRESSÕES D'UMA VIAGEM.

I

Nos primeiros dias de agosto de 1850, o humilde autor d'estas paginas achava-se na ilha da Madeira, commodamente e agradavelmente instalado n'um elegante *cottage* pertencente á famosa quinta conhecida pelo nome de *Palheiro de Ferreiros*.

O nome é pouco poetico, porém já agora será difficil mudal-o, porque vem da tradição popular, e n'estas, e em muitas outras coisas, o povo foi, é, e hade ser sempre senhor absoluto.

Permitta-nos o leitor uma descripção a *la moda*, isto é, rapida e a largos traços, da deliciosa vivenda onde tivemos a fortuna de habitar durante tres mezes.

No meio da opulenta vegetação que reveste o dorso das serras onde se reclina voluptosamente a cidade, os habitantes d'esta ilha teem edificado propriedades, que pelo bom gosto e simplicidade, podiam servir de protesto vivo contra o senso esthetico dos nossos ricos lisboenses, que levantam todos os dias por ahí monumentos d'arte optimos, sendo necessario, para conventos de frades.

O *Palheiro de Ferreiros* é a primeira incontestavelmente de todas quantas possui a Madeira.

Sobre duas montanhas, constantemente coroadas de verdura, estende-se o parque, abrangendo uma extensão consideravel.

Abriundo o largo portão de ferro da entrada penetra-se por uma alameda de arvores frondosas, orladas junto da raiz por uma linha de hortensias. No fim d'esta alameda, a pequena casa de que acima fallei destaca graciosamente.

Esta morada parece especialmente construida para encerrar a felicidade de dois amantes esposos, nos primeiros e adoraveis dias da lua de mel.

Ver pôr o sol das suas janellas, aspirar as correntes da aragem viva e salutar da montanha, contemplar a lua n'uma noite placida atravez da ramagem do bosque, é um prazer do ceo. Só algum burocrata, agiota, barão, ou galopim politico, é que deixaria de sentir-se poeta na presença d'aquellas pittorescas paisagens.

Abandonando esta saudosa estancia, descendo por um pequeno e curto declive, tomando depois sobre a direita, vae-se dar de frente com o palacio simples, mas elegantemente construido.

Um espagoso lago, onde dois cysnes de deslumbrante alvura fendem constantemente as aguas, fica fronteiro á casa. De um dos lados uma ermida com o seu florido solozinho, convida a alma menos devota á prece e oração.

Depois seguem-se ruas extensas e assombradas por arvores gigantes, encostas revestidas de matto, despenhadeiros que vão bater em profundos valles, tudo emfim quanto pode encantar a imaginação e seduzir os sentidos.

O amador da caça distrahe as horas do dia atirando aos coelhos que saem rapidos das tocas, ou experimentando o alcance de um bom reflexo inglez sobre os veados quando saltam velozes e elegantes de penhasco em penhasco.

Todos os commodos, todos os recreios emfim que os inglezes costumam ter nas suas propriedades d'este genero, se encontram ali.

Eis pois, leitor amigo, o logar onde em epochas mais ditosas permittiu a Providencia que eu passasse alguns mezes.

Comtudo o homem não pode ser completamente feliz n'este mundo. A fatalidade fez com que travassemos relações com dois inglezes modernamente chegados de Londres. O meu amigo C. de C. com a sua natural delicadeza e urbanidade, convidou os dois estrangeiros para que viessem passar uma temporada na nossa companhia.

Um dos filhos da soberba Albion sympathizou comigo, e d'esta terrivel sympathia resultaram-me as desgraças e inqualificaveis martyrios, de que o leitor terá completo conhecimento se tiver a bondade de ler o seguinte capitulo.

Continua.

BULHÃO PATO.

A PONTE D'ALGÉS.

O rio d'Algés encontra-se ao fim d'uma alameda proxima á casa de campo do duque de Cadaval, um pouco adiante de Pedroços.

As formosas e amenas margens d'este riacho, e a sua ponte, representada na nossa estampa, constituem um dos mais bellos sitios dos arredores da cidade. De todos os lados se vê uma prodigiosa quantidade de quintas bem cultivadas, e que servem de recreio na estação dos banhos aos que vão utilizar-se d'aquellas praias.

O pequeno rio d'Algés vem ter ao Tejo, logo abaixo da quinta chamada das Romeiras. As suas aguas são diminutas, e ainda que recebem em reforço as d'um ribeiro que nasce proximo a Outorella, pouco engrossam, não deixando nunca de correr com placidez.

Ha no logar de Algés uma ermida com a invocação de Nossa Senhora do Cabo.

O VAPOR «UNCLE SAM».

Nebraska é o nome dado áquella porção do extenso territorio dos Estados Unidos da America ainda não occupado, que tem por limites o 40° paralelo de latitude N. ao sul; o Utah, o Oregon, e as terras de Washington a oeste; o 49° paralelo N. ao norte; e o territorio de Minessota e estados de Iowa e Missouri a leste; até agora tem sido o paiz dos astutos Pawnee, dos arrogantes e valentes Sioux, e dos que são bem denominados Cobras,

tribus de indios indigenas, que os europeus denominam vermelhos, além de outras de menos importancia. Actualmente pode dizer-se que estão lavrados os decretos de sua morte, e segundo as noticias mais recentes o *Uncle Sam* será o implacavel executor do exterminio. Este vapor, que começou a navegar pelos rios mais caudales d'aquella região, é do numero e construção dos que costumam cursar as aguas interiores da União norte-americana nas regiões ainda mui pouco habitadas, e tambem nas provincias do sul: são uma especie de povoações fluctuantes, transportam lojas, varias officinas, casas de comidas, e em summa até capellas para o culto divino. O vapor *Uncle Sam*, levando carregações de colonos, a maior parte dos quaes são uma raça assoladora dos indios, em breve os exterminarão apesar de quaesquer convenções e tratados, como tem acontecido em outros districtos agora cobertos de cidades florescentes.

Aos 25 de maio de 1854 lavrou-se um acto, que a 30 do mesmo mez foi confirmado pelo presidente da repu-

em toda a sua extensão, tendo ambos mui copiosos tributarios; o Platt é o maior afluente do Missouri e tem seu manancial nas Rocky Mountains, serras pedregosas; é muito largo porém tão baixo que, excepto no tempo das cheias, dá vau em quasi toda a parte. O Yellow Stone, rio da pedra amarella, é o mais importante afluente do Missouri, sendo o seu longo curso de obra de mil milhas, das quaes oitocentas são navegaveis. Já se vê, pois, quanto os indigenas perdem, pois que cedo ou tarde os poucos que restarem irão recuando diante da civilização e cultura, não tendo outros terrenos de caça mais do que esses com que elles sonham além da sepultura.

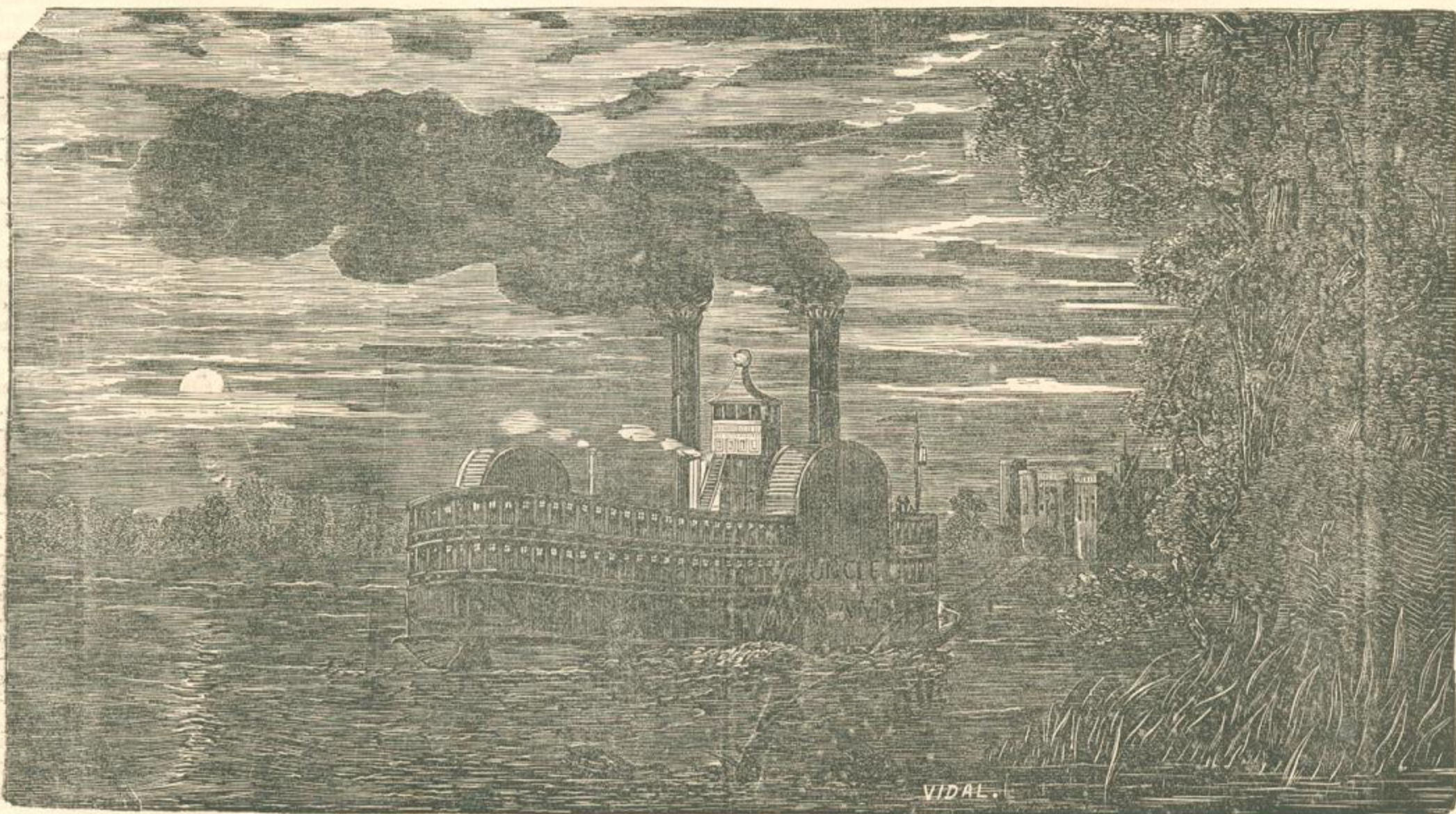
M.

A ingratição é o irrecusavel caracteristico da baixaza da alma.

A injuria é uma arma, que, até para desforço, é vil, e abjecta.



Collegio do Espirito Santo em Evora.



O vapor «Uncle Sam».

UMA RUA DE MOKA.

O mar Vermelho, vasta bacia de mais de trezentas leguas de comprimento e sessenta de largura, tem a forma d'uma ellipse alongada, cujo eixo maximo se dirige de nor-nordeste a osu-sueste, e deve o nome a uns animalculos de cor purpurina que em certa epoca do verão cobrem a superficie de suas aguas, porque o fundo é composto de formações da especie dos coraes e de monticulos submarinos que assentam sobre areia amarel-la, fornecida pela desagregação das rochas gypsosas do littoral e pelo pó que o vento do deserto carrega eternamente.

Duas brisas contrarias e oppostas reinam todo o anno n'estas paragens; o vento do sul sopra desde Bab-el-Mandeb até Djidá, e o do norte desde Suez até o mesmo ponto; uma zona de calmas e de virações variaveis sepa-

ra o lugar do encontro d'estas duas correntes de ar, e permite á navegação dos pequenos barcos arabes communicação sempre facil entre as duas margens fronteiras. A causa d'este phenomeno meteorologico é facil; reflectindo-se na immensa extensão de areas ardentes que offerece a península arabica á rarefacção de ar, e por consequencia á deslocação de columnas mais frias, chamadas do norte e do sul, faz admirar que Mafoma não cuidasse de cobrir com um mysterio religioso estas consequencias inteiramente physicas, pois que é de notar que de todas as localidades onde o islamismo está disseminado, o vento é favoravel na epoca do Ramadão para todos

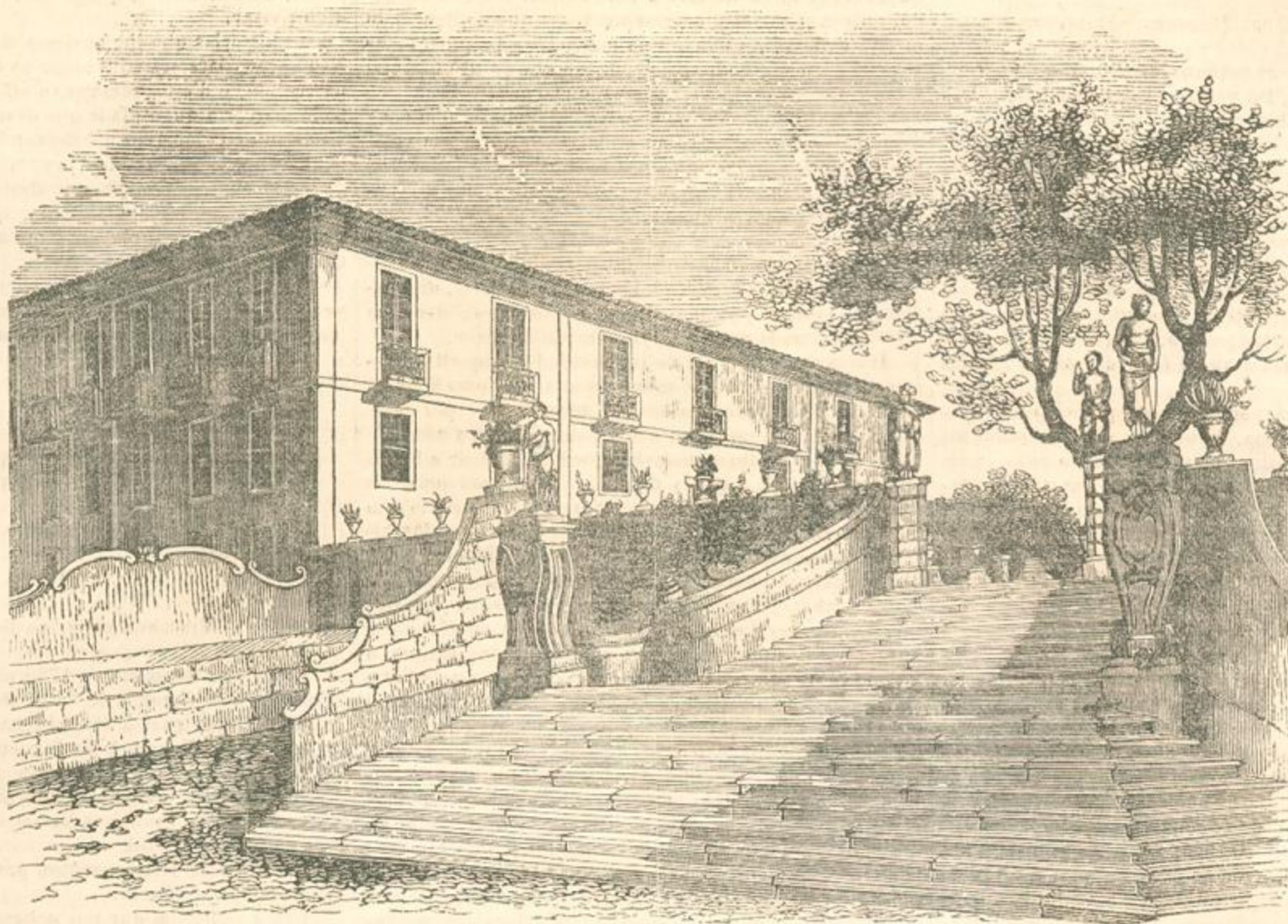
os navios que desembarcam em Djidá os peregrinos atrahidos pelas solemnidades da quaresma musulmana.

À entrada do mar Vermelho e nos confins do Oceano indico, eleva-se um volcão extincto, na cratera do qual os arabes haviam fundado a cidade de Aden, capital de um estado do mesmo nome. Por longos annos um principe, dependente do iman de Yemen, ahí governava um povo activo e numeroso; a enseada segura e profunda, cujas aguas banham a face do norte do antigo volcão recebia quotidianamente embarcações arabes carregadas dos productos da India e numerosos rebanhos creados por pastores bereberes na margem abyssinia: estas van-

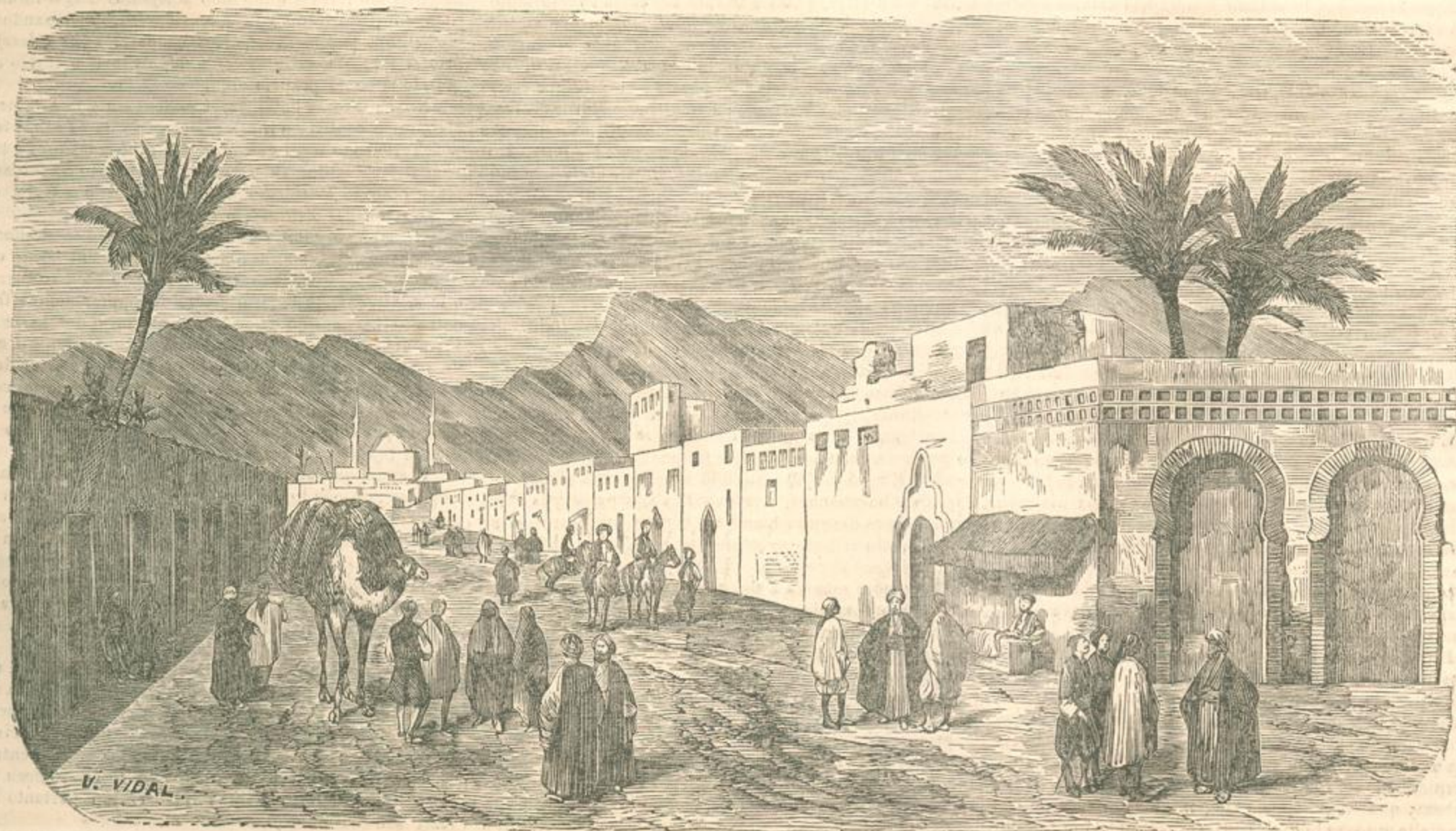
concorreram muito para fazer inexpugnavel este penhasco, a arte consummou a obra, cada viso e cada esplanada do rochedo accessivel aos pés dos homens recebeu uma peça de artilheria, que ameaça os arabes ainda vagabundos em redor do seu primeiro domicilio; nenhum pode entrar n'esta colossal fortaleza sem passar por comprido tunnel (galeria subterranea) cavado na rocha, tendo sido previamente apalpado e desarmado á porta da entrada.

(Continua)

M.



Asylo da Mendicidade no Porto.



Uma rua de Moka.

OS CONTOS DO TIO JOAQUIM.

I

O TIO JOAQUIM.

Hade haver quatro annos proximoamente, que, por ordem de um cirurgião, fui passar o inverno a uma quinta pouco distante de Lisboa. Os progressos da doença, o aspecto ameaçador que tinha tomado, não permittiam demoras, e ainda que a estação era bem pouco propria, fui obrigado a deixar a cidade, mesmo então, porque, segundo diziam, corria perigo de vida, se não fosse quanto antes respirar outros ares.

O campo é sempre bello. Cada idade do anno imprime-lhe uma feição, differente embora, mas sempre formosa: e o inverno tem attractivos seus, que nos fazem amar aquella nudez mesmo, tão poetica, tão grande, como a de muitas estatuas antigas a que a falta de roupas não faz perder a magestade.

A uma legua apenas, aquelle logar parecia estar muito mais afastado de Lisboa. As noticias só repercutiam ali com um ecco bem tardio; o isolamento do sitio, mais augmentado ainda pela quadra do anno em que se estava, parecia cortar de todo as relações com a metropole, e se a vida latente que gyrava n'aquellas plantas entorpecidas pelo frio, não se deixasse transparecer de quando em quando, suppor-se-hia, que um largo sarcophago nos encerrava: tão silenciosa, tão muda, tão melancolica era aquella solidão.

Os dias passavam-se facilmente; mas as horas do crepusculo, essas, é que pareciam immensas, insupportaveis. Quando a noite, começando a escurecer os campos, nos escurecia a alma com elles; quando as trevas desciam sobre a terra, e afastando diante de si alguma vida, que ainda ali havia, nos entristeciam o coração; quando as oliveiras verdenejas, que ao longe limitavam o horizonte avultavam com as sombras, estreitavam-se, e pareciam encerrar-nos n'um circulo sinistro, como deveria de ser o das bruxas de Macbeth, então partia-se-nos a alma de saudades enlevada no viver folgazão e agitado, que n'esses momentos costuma offerecer a cidade. Tem-se dito, que nada ha mais triste, do que ver cerrar-se o horizonte em mar alto á chegada da noite; mas os que o tem dito não experimentaram ainda o angustiado negrume, que em semelhantes momentos, no campo, nos confrange o coração. Parece que tudo esmorece, e morre em redor, e se no bater do pulso não encontrassemos provas da nossa existência, chegar-nos-hiamos mesmo a convencer, de que a vida se nos esvaía tambem, como se esvae em tudo que então nos cerca.

Mas, ainda assim, havia compensação na chegada da noite, porque anhelavamos. Havia, porque de antemão contavamos passar essas horas, que não são muitas no campo, que precedem o deitar, n'uma conversa singela, e innocente, mas que d'essa singeleza e innocencia tirava os encantos que lhe sentiamos.

Á bocca da noite recolhiam os trabalhadores, os *maltezes* como ali lhes chamam, do trabalho e entravam para uma d'essas cosinhas do campo, tão nossas, tão conhecidas de todos, e que não faltam em quinta alguma.

Esperava-os um bom lume e uma boa ceia, e sobretudo esperava-os, que era o que elles mais queriam, as historias do tio Joaquim, e as suas narrações cheias de verdade e de moral.

Quem era o tio Joaquim, o que fôra, que papel representava, são perguntas, que naturalmente hão de vir á bocca dos nossos leitores, se os tivermos, e a que não poderemos responder como desejavamos. Tinha apparecido ali depois de uma das nossas guerras civis, e tinha perdido trabalho a um dos fazendeiros mais ricos do logar. D'onde viera, ninguem o sabia, e se alguém lh'o perguntava podia contar com a seguinte resposta, que não poucas vezes lhe ouvimos repetir: importem-se com a sua vida e deixem-me, que nada tenho que lhes contar; bastelhes saber o que sou hoje e não o que fui; agrada-lhes o meu trabalho, estão contentes comigo, que tem com o resto. Sempre ouvi dizer, que homem que muito se occupa dos outros, é porque não se pode occupar de si.

Todos voltavam sabendo talvez menos do que até então sabiam, mas curados da sua curiosidade indiscreta.

E depois, o tio Joaquim era velho, tinha sido honrado sempre, ninguem como elle sabia guiar uma junta de bois, conduzir a rabiça de um arado, ou fallar do tempo, olhando para as estrellas; na poda e na empa ninguem se lhe punha ao lado, e quando era necessario fazer um pé de lagar, ou erguer uma meda de pão, já era sabido que sempre o escutavam e sempre lhe seguiam os conselhos. No contar de historias não fallemos. O tio Joaquim era um livro aberto, como por ali diziam, e dava sota e az ao barbeiro do logar e ao mestre de meninos.

Este, contra as leis constitucionaes do paiz, ás quaes, aqui para nós, não era muito affeiçãoado, accumulava ao seu mister de educador da mocidade, além dos empregos de escrivão de juiz de paz, escanhoador, tendeiro, agiota e outros encargos nem por isso muito compatíveis, uma maledicencia sem igual. Pois cuidam que se atrevia a boquejar do tio Joaquim? Nem por sombras. Verdade é tambem, que lhe não fazia elogios; mas quando se tratava d'elle mudava logo de conversa, fazendo um trezeito desaprovador.

Diziam as velhas d'aquelles sitios, que eu não o sei

ao certo, pois nunca tratei de o averiguar, que o mestre Francisco, tal era o nome do professor, tinha tido n'outros tempos seus dares e tomares com o tio Joaquim, dos quaes tinha saído de cara a uma banda. O que é verdade, pois muitas vezes o presenciei, era que o silencio do mestre de meninos não influa pouco para a reputação favoravel do nosso bom velho, porque era de uso dizer-se a seu respeito:—é tão boa pessoa, que o mestre Francisco não diz mal d'elle. Vejam que lingua de prata não era a d'aquelle pedagogo, e como poderia praticamente ensinar o preceito divino, que nos manda não levantar falsos testemunhos, ou esse outro ecclesiastico, que nos ensina a soffrer com paciencia as fraquezas do nosso proximo.

Mas voltando ao nosso amigo narrador, desde já affiançamos, que tentando reproduzir as suas historias, não poderemos nunca, por mais que nos cansemos, dar uma idéa aproximada do seu estylo e modo de dizer.

Havia um cunho tal de ingenuidade n'aquellas narrações, uma tal poesia e mimo de imagem, uma fluencia de dicção e uma propriedade de termos, que por mais que procuremos imital-o, não o conseguiremos nunca.

E não supponham, todavia, que fosse buscar a figura ou a comparação a coisas de grande transcendencia; ás sciencias, ou á historia; que ornamentasse o periodo com flores de rhetorica, ou que procurasse guindar e alambicar a phrase como tanta gente que por ahí vemos. Nada d'isso. Mais prudente e mais feliz, pois não commettia certas barbaridades, que por ahí vão, o tio Joaquim não saía dos limites das intelligencias dos seus ouvintes e ia buscar aos campos as flores, á agricultura as figuras, á mesma casa, (quantas vezes!) os similes de que se servia. Tudo era comedido e humilde sem ser rasteiro, e muitas vezes alcançava elle o que não conseguem muitos litteratos de polpa depois de terem trabalhado devéras — o sublime na simplicidade.

Mas nem só o estylo tornava recommendaveis os seus contos: se assim fôra, não ousariamos nunca encetar semelhante tarefa: a idéa moral, que se deprehendia facilmente, a simplicidade dos episodios, e as curtas dimensões, que elle lhes dava, faziam-os por mais de um respeito dignos de menção e publicidade. Tambem confiamos n'isto mesmo é que começamos esta collecção, de que somos mero reproductor, cabendo toda a gloria ao tio Joaquim, e o desdouro todo áquelle, que estropeando-a e estragando-a talvez, a vem agora dar ao publico.

Entre nós, n'estes ultimos tempos sobretudo, a litteratura tem despresado um tanto o gosto popular, e frequentando ucharias mais subidas, tem procurado condimentos e especiarias taes para adubar os seus manjares, que os tem afastado muito das boccas do rude, cujo paladar não está ainda sufficientemente educado. O povo ainda está convalescente: a grande enfermidade de que tem padecido, a ignorancia, não desapareceu de todo, quasi mesmo que ainda actua sobre elle, e a dieta, que lhe devem administrar, precisa, para ir d'accordo com este estado, ser tenue e pouco irritante. Do contrario a leitura não se poderá propagar, e os intentos dos escriptores ficarão de certo frustrados.

Não acontece, porém, o mesmo em França, na Alemanha e nos demais paizes, em que, segundo nos consta, se cura d'estas causas e se lhes attendem os resultados. Muitos homens de vulto, intelligencias eminentemente superiores, tem-se aproximado dos engenhos das turbas, e as obras, que se tem publicado com este intuito, não são as que menos contribuem para a sua gloria e fama.

Dois exemplos bastarão: Lamartine e Emile Souvestre: o autor da *Genève* e Canteiro de Saint-Point, e o autor do *Coin du feu* e do *Philosophe sous les toits*. Ambos tem vindo por vezes conversar, como amigos e parceiros, com as classes rudes e inscientes; ambos se tem por vezes esforçado para lhes fazer comprehender as suas idéas, e, vestindo-as com trajas plebeus, apesar de conservarem um certo não sei que de aristocracias, tem logrado verem-as admittidas e bemquistas na officina do operario, e na agua furtada do desgraçado.

Sacrosanta missão da imprensa, como é admiravel e veneranda, quando evangelisa as turbas, dando consolação ao desgraçado e conforto ao que desanima! Como não nos sentimos enlevar de respeito perante essa instituição maravilhosa, quando vemos os seus fructos sem vicio, e sem defeito, alimentarem o faminto, e darem refrigerio ao peregrino resequido d'este grande Saharah em que vivemos! É então, e não quando a vemos maculada pelos tripudios bacchanaes, e pelas viltas das polemicas indecorosas, que devemos bendizer os seus inventores, e pagar o devido tributo ao genio que semelhante dadia nos legou.

Mas, nem este era o fim que nos propozemos, nem esta a melhor occasião para semelhantes dissertações; perdoem-nos o divagar intempestivo, e se nol-o permittem iremos ligar o nosso interrompido assumpto, no ponto em que o abandonámos.

Os contos do tio Joaquim pertencem ao genero das obras de Emile Souvestre e deveriam tomar logar, pela natureza e não pelo merito, proximo d'aquella mimosa collecção que elle intitula — *Au Coin du feu*. Poder-se-hia dizer mesmo, que este bello livro o tinha inspirado, e que elle, se não commettia um plagiato, resentia-se muito da leitura do autor francez; porém o tio Joaquim nunca soube ler e por isso nem de longe poderia cair em tão feio peccado.

Não é a primeira vez que a ignorancia se arvera em defensora de muito escriptor publico, e não é para admirar, que este nosso, que se estrêa, comece no mesmo ponto, d'onde muitos, que já são veteranos, não tem podido passar.

As historias que lhe ouvimos são em grande numero. Não apresentaremos aqui senão as que mais notaveis nos pareceram, e d'estas mesmas, o effeito, que produzirem, hade marcar a quantidade que deva sair ao publico.

O autor já morreu; não deixou herdeiro algum. Constituímo-nos editor seu, e tomámos-lhe a responsabilidade; se alguém houver, que deseje inquietar o pobre morto, dirija-se-nos primeiro, que lhe pouparemos maior trabalho, e ainda em cima uma covardia e quasi um sacrilegio.

E agora, visto que este preambulo nos levou mais longe do que desejavamos, no proximo numero começaremos a publicar os *Contos do tio Joaquim*.

R. PAGANINO.

RETRATOS DOS NOSSOS HOMENS POLITICOS NO SEculo XIX.

(Continuado do num. 28).

II

VISCONDE DE SÁ DA BANDEIRA.

Em 26 de setembro de 1795 nasceu Bernardo de Sá Nogueira hoje visconde de Sá da Bandeira.

Foram seus paes o desembargador do Porto, Faustino José Lopes Nogueira de Figueiredo, que era senhor do Prazo de Reguengo, e outros, moço fidalgo, alcaide mór do Cadaval, e commendador da ordem de Christo, e a ex.^{ma} sr.^a D. Francisca Xavier de Sá Mendonça e Cabral da Cunha Godinho.

Em abril de 1810 assentou praça de cadete no regimento 11 de cavallaria.

Era a epoca em que nos achavamos empenhados na lucta contra a França, e o novo soldado então fez suas armas com tanta distincção, que uma das condecorações que hoje lhe adornam o peito é a medalha d'ouro por quatro campanhas da guerra peninsular.

Não nos faltarão occasiões de desinvolvermos n'outras biographias as brilhantes paginas d'estas campanhas com que rompeu o presente seculo, quando fallarmos de outros caracteres tambem distinctos do nosso paiz, e que n'essa quadra tiveram importantes commandos. Sá Nogueira ao terminar a guerra tinha o posto de tenente, e a patente demonstra que se teve então brilhantes occasiões de se distinguir, como pessoalmente se distinguio, foi n'outra epoca que inscreveu suas acções de maior nomeada, e como estas terão de exigir tambem da nossa parte circunstanciada relação para seu devido apreçamento, bem nos devem dispensar agora de entrarmos em maiores promenores.

Um dos successos, porém, que não devemos deixar em silencio é o heroismo com que se houve n'uma d'essas batalhas tão feridas que então pelejámos com o inimigo, successo que o levou a ficar prisioneiro, inutilizando-lhe por algum tempo os serviços ao paiz, a que desejava prestar tantos e valiosos como depois teve occasião com grande risco da propria vida.

N'uma d'essas batalhas, dizemos, em que o valor e o arrojo não conhecem limites, Bernardo de Sá affrontou a morte com tão feros golpes, como profundas foram tambem as feridas que ahí recebeu; e exausto de forças no mais rhido e caloroso da peleja, caiu por terra, e os seus camaradas o julgaram morto.

Ha sobre o campo da batalha uma scena de horror que a penna mais amestrada ás descripções não pode condignamente traçar. O desejo de vingar o nobre camarada que se viu cair ao lado, o desejo de ganhar nome e fama entre os heroes que defendem a patria, o desejo de salvar a vida cortando pelo inimigo como mais seguro meio de a proteger, ou de a vender cara se a sorte tiver destinado que se seja victima, faz com que se calem no coração do combatente todos os outros sentimentos que poderiam por um instante deter-lhe o braço, e por isso podia ser tambem o momento da propria morte.

É assim que no ardor da peleja, ao cair de um camarada, se este não tem forças para bradar que está ferido, ou alentos para mostrar por meio de signaes que a alma não se lhe despediu ainda do corpo, a turba passa por junto d'elle, como pelo cadaver aquem n'aquella noite, ou no dia seguinte, só tem a render a ultima cerimonia, e por isso não cura então de o arrastar para fora do campo onde se lhe poderiam prestar os competentes soccorros.

Foi o que aconteceu ao moço official. Não soube, nem sentiu o que se passava em torno de si. A sorte ainda quiz que o tirassem do campo da batalha para o recolherem n'uma casa, onde esteve até ao dia seguinte privado de sentidos. Foi então que um soldado francez, entretido com outros em espolar os mortos, reconheceu que Bernardo de Sá ainda tinha vida. Tratou portanto de o fazer seu prisioneiro.

Conservou-se-lhe a vida a troco da liberdade. Já era muito, porque qualquer d'estes bens é dos mais preciosos.

...sos que o homem pode gosar. Assim passou seus dias recobrando a saúde, porém ralando-se-lhe aquelle coração patriota na forçada apathia a que as leis da guerra o obrigavam em paz estranho, e doendo-lhe o esforço ver que os seus compatriotas lidavam tão denodadamente pela liberdade da patria e da Europa, ao passo que elle não podia partilhar aquellas glorias e aquellas empresas que tinham de tornar immortaes os que as commettiam.

Finalmente chegou o termo a esta guerra que findou com a queda de Napoleão. Os alliados, a quem as victorias de Portugal e da Hespanha abriram caminho até ao coração da França, trataram em Bordeos e em Tolosa a grande obra da paz geral, que foi concluida dentro dos muros de Paris pelos soberanos da Russia, Prussia, Austria e Suecia. As tropas portuguezas regressaram aos seus lares coroadas dos louros immortaes que pelo seu intrepido valor, constancia e disciplina colheram desde as margens do Tejo até ás do Garonna. Só então Sá Nogueira pôde voltar á patria.

Digamo-lo de passagem. Quando abrimos a historia d'esta epoca, pasamos de ver os brilhantes feitos dos nossos exercitos, e a prudencia e tacto militar com que o duque da Victoria dirigiu estas grandes operações. Arthur Wellesley, duque de Wellington, que os francezes consideraram como um capitão de segunda ordem, e inferior a todos que Napoleão contava em tamanho numero nos seus exercitos, bateu successivamente Junot, Soult, Massena, Ney, Jourdan, e Marmont.

Até o proprio imperador, de quem com fundado motivo se louvava a justa apreciação que sabia fazer dos cabos de guerra do seu tempo, se enganou com este, ou não foi sincero quando sobre o marechal general fez a seguinte apreciação no *Monitor* francez que era o órgão directo de Napoleão:

«Lord Wellington não mostra essa previdencia, que é o caracter essencial da guerra, e que induz a fazer sómente o que se pode sustentar, e nunca empreender senão aquillo que apresenta maior probabilidade de exito. Lord Wellington não mostra mais talento do que os homens que dirigem o gabinete de S. James. Querer sustentar a Hespanha contra a França, e lutar com ella no continente, é uma empresa que hade custar caro aos que a tentaram, e unicamente lhes acarretará desastres.»

O oraculo mentiu. Talavera de la Reyna; as linhas que cobriram a nossa capital; Badajoz, Salamanca, Victoria, e finalmente a batalha d'Orthez abriram aos exercitos da Peninsula a estrada de Bordeos.

N'este caso não restou ao espirito francez outro recurso senão appellar para a fatalidade, essa divindade antiga que salvava os heroes de todos os erros commettidos.

Appellaram effectivamente para ella, e não quizeram, ou não souberam fazer justiça á grandeza d'aquelle frio espirito de Wellington, que ainda mesmo concedendo-lhe uma certa incapacidade para combinações poderosas, era de uma tenacidade prodigiosa!

Foi a esta que elle deveu os brilhantes resultados d'estas campanhas.

Voltemos, porém, ao assumpto de que nos haviamos afastado.

Regressando á patria depois da paz geral, teve tempo de consagrar-se aos estudos de que tão cedo o haviam desviado as necessidades da epoca, e por isso, alcançada a respectiva licença, frequentou, com muita distincção, os cursos academicos que então havia em Lisboa.

Findos elles, foi nomeado capitão, e partiu para a universidade de Coimbra, onde estudou mathematica e philosophia.

Estava satisfeita parte da sua ambição de saber. Outro poderia contentar-se com os graus de academico assim adquiridos: porém Bernardo de Sá ardia em desejos de se instruir, e os novos conhecimentos que adquiria eram-lhe incentivo para outros maiores. Assim partiu para França a buscar nas escolas estrangeiras os estudos que faltavam na patria. Ahi se applicou ás sciencias naturaes.

Os acontecimentos de 1820 encontraram-o longe do solo natal, mas nem por andar em terra estranha deixaram de lhe influir no animo, e mesmo ausente abraçou com ardor os principios d'esta revolução social tão esperançosa e tão mal fadada.

Foi unicamente no anno de 1823 que voltou a Portugal.

Já n'esse tempo as novas idéas andavam tão disputadas com as antigas, que pouco tardou se declarasse a reacção, e o sr. infante D. Miguel e el-rei o sr. D. João vi partissem para Villa Franca, com o que terminou então o governo constitucional.

Bernardo de Sá foi um dos poucos defensores da liberdade que n'esses dias de agitação ficaram em Lisboa prestando-lhe serviços, e taes que lhe mereceram elogio.

Resolvida a crise como é notorio, Sá Nogueira abandonou a patria com o coração ferido do doloroso pensamento de não ver Portugal ainda amadurecido para os fructos da liberdade, e dirigiu-se novamente a França, onde continuou os seus estudos.

Já ahi o não satisfaziam porém as lições dos primeiros sabios da França como Gay-Lussac, e Geoffroy de Saint-Hillaire. A Inglaterra chamava-lhe então a sua attenção pelas importantes fabricas, e grandes arsenaes de marinha. Era a sciencia na sua vasta escala de applicação o que elle precisava agora ver e estudar.

Não hesitou. Dirigiu-se a Inglaterra, e depois de percorrer e visitar aquelles magníficos elementos do poder britanico, e de tratar ahi com os homens de maior nomeada e saber da epoca, regressou a Portugal, quando pela segunda vez estava implantado aqui o governo liberal.

O imperador D. Pedro, abdicando em sua filha, havia outhorgado a Carta Constitucional. Estava então a regencia do reino confiada á sereissima sr.^a infanta D. Isabel Maria, e n'este periodo de transição o estado do paiz foi bastante agitado.

Em 12 de outubro de 1826 a revolução rebentou no Algarve, promovida pelos inimigos da Carta, e o duque de Saldanha, que então era general, foi encarregado de marchar para ali a reprimil-a. Bernardo de Sá, firme nas suas convicções politicas, seguiu o general aquella provincia, e na sua pacificação tomou tambem activa parte.

Não menor a teve no Alemtejo, servindo sob as ordens do conde de Villa Flor, contra o movimento que ali se havia ramificado. Os combates do Prado e Ponte da Barca, que por estas dissensões politicas tiveram lugar, viram o nobre lidador expor a vida pela causa que havia esposado.

Em 1827 foi nomeado major por distincção.

Foram aquelles primeiros combates como as gloriosas primicias dos sacrificios que mais tarde tinha de fazer por esta religião politica que constantemente tem seguido na sua vida, e que um dia lhe havia de custar a mutilação de um braço.

Não foram, porém, os unicos pelezados no primeiro periodo do regimem cartista. Logo no anno seguinte, 1828, teve occasião de se distinguir nos combates da Ega, Cruz de Mouros e Vouga. Na retirada do Porto pela Galliza, commandando a retaguarda da divisão, deu provas inequivocas da sua pericia, e do seu valor.

Os acontecimentos d'este anno, e a grande parte que n'elles tomou Bernardo de Sá Nogueira, exigem que os relatemos mais circumstanciadamente.

O sr. infante D. Miguel chegara a Lisboa, regressando de Vienna d'Austria, para se encarregar da regencia do reino que seu irmão primogenito lhe confiara, em quanto a rainha a sr.^a D. Maria II não saia do Brasil para a Europa, afim de se effectuar o projectado consorcio com seu tio.

Com a chegada de D. Miguel a Portugal o aspecto politico do reino havia tomado uma nova face. Do seu governo havia saído a ordem para a proxima convocação dos Tres-Estados, a cujo voto se commettia a deliberação da pessoa a quem competia a coroa portugueza. As cortes, convocadas em virtude da Carta Constitucional de 1826, tinham sido dissolvidas. No reino todo eram facções, conspirando activamente por se apossarem do predomínio. Foi n'esta conjuntura que simultaneamente em Aveiro e no Porto se tramou e levou a effecto o primeiro pronunciamento contra as pretensões do infante.

O batalhão de caçadores 10, que estava de guarnição na primeira d'estas cidades, declarou D. Miguel privado da regencia, e fez lavrar na camara o auto da nova aclamação do sr. D. Pedro. Depois marchou para o Porto, onde anteriores combinações haviam assegurado o equal movimento.

Effectivamente assim tinha acontecido na segunda cidade do reino, e no mesmo dia 16 de maio de 1828. Logo n'essa manhã se espalhara no regimento 6 a noticia de que o seu coronel ia ser desligado, e com esta noticia os officiaes e soldados correram espontaneamente ás armas, e dando vivas a D. Pedro IV, á sr.^a D. Maria da Gloria, e á Carta Constitucional, marcharam para o campo de santo Ovídio a reunir a si o regimento de infantaria 18, e a artilheria 4.

Um e outro corpo recusaram no primeiro impulso adherir ao movimento, e fecharam as portas do quartel. Contudo por um postigo que ficara aberto a musica do regimento 6 pôde ali penetrar, e fazendo resoar o hymno da Carta, este conseguiu electrizar tres companhias do 18, que, sem ordem superior, vieram reunir-se armadas aos sublevados.

Não foi preciso mais para o exemplo rapidamente se communicar. Todo o regimento 18, inclusivamente o coronel, Henrique da Silva da Fonseca; a artilheria 4; e no dia seguinte o contingente de cavallaria 12, e parte de caçadores 11 tinham abraçado o movimento.

Esta força foi suportada com o batalhão de caçadores 10, chegado de Aveiro no dia 17.

O governador militar do Porto, Gabriel Antonio Franco de Castro, não se encontrando com forças para resistir á contra-revolução, abandonou a cidade, levando consigo os poucos milicianos que pôde reunir, as praças de caçadores 11 que lhe haviam permanecido fieis, e o corpo da guarda real da policia.

Os commandantes dos corpos, mais alguns officiaes, e pessoas que haviam dirigido o movimento, reunidos em conselho na manhã de 17, proclamaram explicitado o movimento, e no dia 18 publicaram um manifesto desinvolvendo os principios d'aquella proclamação.

No dia 20 elegeu-se uma junta para substituir aquelle conselho, e esta se compoz de tres militares, dois desembargadores, dois negociantes, quatro secretarios, que, com voto deliberativo, foram encarregados dos negocios das diferentes secretarias.

A nova junta publicou o seu manifesto em 28 de maio, e em 5 de agosto enviou uma carta ao imperador D. Pe-

dro, onde expressava os seus sentimentos de lealdade ao codigo que proclamara, e principios que restabelecia.

O batalhão de caçadores 6, que estava em Penafiel, correu a unir-se aos sublevados do Porto, e o seu exemplo igualmente seguiram os regimentos de infantaria 3 e 9 que estavam em Braga, e caçadores 12, para o que poderosamente concorreu o general Antonio Hypolito da Costa, que acabava de ser demittido pelo governo de Lisboa do commando da provincia do Minho.

Caçadores 7 e 9, que estavam na Beira Alta; caçadores 3, e os esquadrões de cavallaria 6, e 9, que estavam em Traz-os-Montes; caçadores 2, que se achava em Thomar; a infantaria 10, e a cavallaria que se achavam em Santarem; a guarnição d'Almeida que se compunha de infantaria 15 e de um batalhão de infantaria 23, tomaram voz pela Carta Constitucional.

Em dez dias, pois, além de muitos corpos de voluntarios e milicias, dezeseis batalhões de infantaria, oito batalhões de caçadores, cinco esquadrões de cavallaria, e um regimento de artilheria estavam pelo partido da junta creada no Porto.

Continua

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

CHRONICA SEMANAL.

A noticia da revolução em Hespanha foi a principal novidade da semana: quasi todas as conversações versaram sobre este assumpto. Cada individuo encarava a questão a seu modo, empenhando-se — moralmente — para que o resultado fosse de accordo com as suas crenças governativas. Mesmo nos conflictos estranhos ao paiz, a imparcialidade torna-se impossivel; as tendencias politicas preocupam sempre, mais ou menos, os espiritos e insinuam-se naturalmente na discussão.

Absolutistas e moderados, legitimistas e republicanos, progressistas e conservadores, todos se empenham pelo triumpho de sua causa, e quando vêem qualquer das bandeiras bastear-se n'outra nação, divisam logo para si um lisonjeiro presagio.

Não os censuramos, mas entendemos que é triste esperar pela influencia estrangeira, e que mais valia contar com a propria. Nós que já experimentámos os effectos d'ella sabemos o quanto tem de prejudicial, além de custar cara.

Deixemos porém o que lá vae e fallemos de Hespanha. É a questão palpitante.

Decididamente o Iberismo é uma idéa irrealisavel. A homogeneidade de clima não traz a homogeneidade de caracter, e pode o acaso aproximar povos caprichosamente, dar-lhes os mesmos habitos e as mesmas leis que, contra todos os calculos e previsões, esses povos se separarão como habitando em diversas regiões.

O reino visinho cada dia nos dá uma demonstração dos seus odios politicos, das suas vinganças sanguinarias: ao fanatismo religioso succedeu o fanatismo politico; e cada dia a lista dos martyres cresce á menor perturbação intestina.

Pronunciamentos do povo ou do poder, golpes de insurreição ou de estado, e uma victoria ensanguentada, constituem o drama que sem cessar se repete entre os hespanhoes. A ultima scena é sempre a dos fusilamentos; a repetição não lhes afrouxa o gosto, por que este meio apparece não só no desfecho como nos episodios.

Diga-se o que se quizer. Sobre as analogias dos dois povos, calcule-se por cifras as vantagens economicas da sua união, todos os argumentos decairão em presença da indole diversa das duas nações.

Uma docil e generosa, a outra insurreccionaria e vingativa; n'uma vem a amnistia apoz o triumpho, na outra os conselhos de guerra e o assassinato; n'uma o elemento militar desaparece diariamente e a força dá lugar ao direito, na outra a espada é o primeiro — senão o unico — elemento do poder e a força que comprime todo o direito: o hespanhol sonha com a victoria, não como um triumpho das idéas, mas como uma vingança de represalia; e designando sempre o adversario com o titulo odioso de rebelde, dá á Europa um testemunho de barbaridade que se não repete em nenhuma outra parte.

Quando examinamos as consequencias funestissimas d'uma união em que a differença de superficie e população haviam por força dar o predomínio aos hespanhoes, não podemos deixar de recordar-nos do importante feito de 1640, e de venerar a memoria dos que asseguraram a nossa independencia e nos fizeram para sempre estrangeiros.

O que naturalmente nos occorre logo á idéa fallando de Hespanha são as *corridas de toiros*; tanto assim que nos lembrou agora mesmo a ultima que teve lugar no campo de Santa Anna, e de que vamos tratar.

Era o beneficio do joven capinha Sancho: os camarotes estavam quasi todos guarnecidos de senhoras e as trincheiras, tanto da sombra como do sol, apinhadas de espectadores.

É forçoso confessar que nenhum outro divertimento desperta em Lisboa equal alvoroço. Aquellas gyrandolas de foguetes produzem um effecto inexplicavel. Insensivelmente attrahem para aquelle sitio: resoluções as mais firmes tem sido abaladas.

Perguntaremos agora: divertem-se lá? raras vezes. Quasi sempre á volta, fazem-se protestos de lá não tornar,

mas não se cumprem. É verdade que não ha nada mais difficil de passar—divertido intende-se—do que uma tarde de verão na capital. A não ir para os toiros o que resta? Nada. Apesar de monotono, aquelle divertimento conserva sempre o espectador em sobresalto; falta-lhe variedade mas espera-se a todo o instante do acaso. Todavia ha ali uma vida, uma animação, um enthusiasmo que se não encontra em parte alguma.

N'esta tarde os toiros eram deseguaes, mas houveram alguns bastante bravos. O cavalleiro Diogo Henriques Bittencourt picou alguns com muita felicidade e sustentou dignamente a reputação de que goza. Destemido e corajoso em extremo, prejudica ás vezes, pelo arrojo, algumas sortes. Desejamos que não sacrificasse os preceitos da arte ao desejo de brilhar, pelo numero de farpas, que crava no toiro.

Cadete é o nosso primeiro bandarilheiro, e mesmo no reino visinho duvidamos que haja outro mais dextro, mais elegante e tão ligeiro. Com a capa qualquer o excede, mas a metter duas farpas, ninguém o iguala em graça ou delicadeza. Depois d'elle é o *Sapateiro*.—nome por que só é conhecido—o que mais se distingue hoje em dia. Nas trincheiras tem já um grande prestigio.

Uma vez que encetámos este assumpto, não sairemos d'elle sem contar aos nossos leitores, um caso unico e extraordinario que lemos na *Illustração Franceza* e que é nem mais nem menos do que uma *Toirada a bordo*. Talvez pensem que é brincadeira? pois ouçam:

Nos principios do cerco de Sebastopole o almirante Hamelin tinha dado ordem ao capitão Dieudonné para ir com o vapor, que commandava, buscar algum gado á Eupatoria.

Dieudonné cumpriu a missão de que foi encarregado, e já cento e tantos bois se achavam a bordo quando a nau Henrique IV e o vapor Plutão chegaram ás aguas de Eupatoria. Dieudonné que se dispunha a partir no dia seguinte com o seu carregamento cedeu o seu ancoradouro ao Henrique IV e foi dar fundo n'outro ponto da enseada.

N'essa mesma tarde rebentou a medonha tempestade, de que todos os jornaes deram a fatal descripção. O Henrique IV foi á costa e o Plutão sossobrou. Quanto ao vapor do capitão Dieudonné, em quanto os seus companheiros cediam á violencia do temporal, eis o que se passava a bordo:

Os bois que conforme o uso estavam presos e dispostos em fileiras, quebraram as cordas espalhando-se desordenadamente pelo convex. Atormentados com o enjão e aterrados com os silvos do vento, a invasão das vagas e os movimentos convulsivos do navio corriam em todas as direcções como para escaparem ao perigo que presentiam. Desde então principiou uma scena de confusão quasi impossivel de descrever. Furiosos estes animaes investiam com tudo que viam diante de si.

Não só se precipitavam sobre os marinheiros, como tambem se atacavam mutuamente, soltando mugidos que não eram menos atroadores, de que o ribombo do trovão que estalava sobre elles. Depressa o convex se achou todo inundado de sangue e coberto de bois estropeados e com as entranhas dilaceradas. O baloço do vapor forçava estes desgraçados animaes a irem de encontro aos mastros, ás amuradas e ás peças: tratou-se de desembaraçar o navio d'estes companheiros de aventura. Mas era impossivel alijar ao mar tão pesadas massas que nem ao menos se deixavam aborbar.

No meio de tal confusão impossivel era obedecer ás ordens do commandante. A tripulação estava paralyzada e toda transida de medo, e parte d'ella se tinha refugiado na segunda coberta. Nunca um espectáculo tão estranho, um drama tão extraordinario, teve por theatro o convex d'um navio.

O navio porém, achava-se prestes a sossobrar, era forçoso a todo o custo allivial-o. O porta-voz do commandante fez soar a voz de se cortarem os mastros, mas ninguém ousou aventurar-se no meio dos animaes raivosos e no ultimo grau do desespero.

Então Dieudonné que, intrepido e com o maior sangue frio assistia a este horroroso drama desde o principio do temporal, lança mão d'um machado, e, acompanhado do seu segundo, igualmente armado, se dirige para o centro do navio. Um boi o accommette de cabeça baixa e um golpe de machado o prostra sobre o convex; outro investe contra o segundo, que, mais infeliz ou menos dextro do que o capitão, cae rolando pelo convex conseguindo levantar-se alguma coisa contuso.

Os dois chefes completamente abandonados pela atarrada tripulação descarregam repetidos e vigorosos golpes na base do mastro grande, que já cede ao esforço do vento e que caíndo com um medonho estampido, esmaga algum gado que encontra debaixo de si. Um quarto de hora depois, o vapor desembaraçado da mastreação, e já mais alliviado, começava a sustentar-se melhor e a prestar-se com mais facilidade ao movimento das vagas e a lutar mais vigorosamente com os elementos. A tempestade ia terminando, os bois achavam-se uns mortos, outros feridos e alguns tão cansados que não se podiam mover. Começaram então os marinheiros a apparecer e a cumprir o seu dever.

Quando o vento acalmou, Dieudonné sentindo a necessidade de ir repouzar da fadiga d'aquella tremenda lucta, dirigiu-se ao seu camarote; mas abrindo a porta recua, estupefacto, vendo a sua cama occupada por um enorme boi, que tinha passado pela claraboia e estava

muito ferido da queda. Entra no salão e novamente recua ante outros quatro hospedes, que tendo igualmente entrado pelo rombo feito na claraboia superior conservavam-se tranquillamente n'este elegante camarim.

De volta a Kamiesch, o capitão contou a aventura ao almirante que se perdeu de riso.

—«Debaixo da minha palavra de honra, dizia Dieudonné, antes queria ver-me a braços com duas fragatas russas, do que no meio de semelhantes animaes furiosos porque não imagino peor posição do que aquella em que me achei durante vinte e quatro horas.»—

A espada do valente marinheiro francez transformouse d'aquella vez na do celebre *matador* Montés.

Tinhamos interrompido aqui a chronica para irmos assistir a uma representação no theatro de D. Maria II. Estava deserto, como sempre. E como não hade estar quando se apresentam espectaculos em scena tão ridiculamente ensaiados, como o que acabamos de ouvir! Nos theatros de segunda ordem mesmo, nunca vimos nada que se lhe possa comparar. Era uma desordem completa. Houveram alguns actores que disseram e fizeram o que bem lhes pareceu, cortando aqui o dialogo, augmentando-o ali, escorchando a linguagem umas vezes, adulterando-a outras, e tudo isto acompanhado d'uma desharmonia e frieza incriveis. E dizem que ha no theatro normal um ensaiador! Mas de que serve elle? Que faz ali? Tudo menos ensaiar; é o que se vê.

O nosso primeiro theatro lembra um theatrinho particular em que o ensaiador só dispõe as figuras,—egualmente mal—e depois cada actor segue a sua inspiração e faz o que intende. Nota-se equal desafinação de vozes e observam-se os mesmos defeitos na declamação. Falta-lhe a harmonia geral, que é tudo.

Mas, dirá o leitor, que culpa tem o ensaiador de que os actores não saibam os papeis e representem mal? Toda n'este caso, e vamos explical-a. A comedia a que alludimos não ia á scena havia perto de tres mezes; não admira portanto que estivesse esquecida.

Além d'isso tinha musica e d'um genero novo para os artistas. Está claro que para se recordar como devia ser, carecia d'alguns ensaios; porém, o sr. Luiz da Costa não o entendeu assim, e achou que bastava só uma recordação e essa mesma sem musica. O resultado era evidente. É necessario tambem advertir que nem ao tal ensaio assistiu, pois se assim houvesse feito como lhe cumpria, tinha naturalmente observado que a comedia não estava sabida, e para a não sacrificar cuidaria em substituil-a.

Se a commissão encarregada da reforma da nossa primeira scena dramatica não trata de remediar os males, que ali existem, cortando-os pela raiz, a total decadencia da arte é inevitavel.

Tendo-se espalhado que os desenhos da festa do Passeio Publico que appareceram na *Illustração* eram devidos ao lapis do sr. Annuniação, cumpre-nos declarar que pertencem ao sr. Bordallo Pinheiro.

No folhetim da *Civilisação*, continua a ser calorosamente advogada e combatida a questão da crinoline, dos merinaques e das saias-balões. Reservamos para o seguinte numero a nossa opinião em tão grave assumpto. N'este falta-nos o espaço e taes *objectos* precisam d'elle.

ERNESTO BIESTER.

COLLEGIO DO ESPIRITO SANTO, EM EVORA.

Sendo o cardeal-infante D. Henrique arcebispo d'Evora, fundou um collegio, com a invocação do Espirito Santo.

A criação d'este proficuo estabelecimento foi tão geralmente approvada, que de todas as classes da população ali foram instruir-se as creanças, subindo o numero dos alumnos a mais de duzentos e cincoenta.

O fundador não se esquecia da sua criação. Doou-lhe uma magnifica livraria, mandando vir do estrangeiro, nomeadamente da Belgica, para esse fim, grande quantidade de livros. Para dar maior realce ao estabelecimento que fundara, intentou erigir uma universidade, solicitando de Roma a approvação dos seus estatutos. Mas a este intento oppoz-se vigorosamente a universidade de Coimbra. Apesar, porém, d'essa opposição, D. Henrique conseguiu dar á execução o seu projecto, e o papa Paulo IV confirmou, por bulla de 18 de setembro de 1558, a fundação da universidade d'Evora.

Para as novas aulas que depois se crearam, accrescentaram-se immensas obras ao edificio primitivo, de forma que ainda hoje é um dos maiores de todo o reino. Pela extincção dos jesuitas acabou a auspiciosa universidade d'Evora.

Por muito tempo, nenhuma applicação teve tão magnifico edificio; mas em 1836, sendo governador civil d'Evora o sr. Antonio José d'Avila, determinou-se a fundação da casa-pia e o edificio do collegio do Espirito Santo serviu optimamente ao plano. Para fazer-se idéa da sua grandeza, basta dizer que não só a casa-pia, mas todas as diversas repartições publicas ali se accommodaram.

A fachada da sala dos actos é o que o nosso desenho representa. Conhece-se por essa vista o primor e gosto que presidiu á sua feitura.

ASYLO DA MENDICIDADE NO PORTO.

A virtude que mais se tem desinvolvido no seculo em que vivemos é, sem duvida, a caridade.

É magnifico e imponente ver, mesmo no meio da corrupção e immoralidade dos tempos, fructificar essa flor do coração! É bello ver como ella, sempre crescente, se propaga, e se estende ao orphão, ao velho, ao enfermo!

O que são os asylos d'infancia desvalida? os de mendicidade? os hospitaes?

São marcos assentes pela beneficencia na grande estrada da civilisação!

São a inspiração do amor do proximo que brada: á creança—protecção! ao velho—arrimo! ao doente—amparo!

E não é só, por felicidade, na capital do reino que se tem arraigado profundamente este sentimento. Muitas cidades, mesmo de segunda ordem, pagam o seu tributo á caridade.

O Porto, Coimbra, Vianna e outras não se esqueceram de concorrer com o seu obolo para alliviar o infortunio de tantas victimas.

Hoje apresentamos no nosso desenho a vista do edificio do asylo da mendicidade do Porto, autorisado em 1838, e instalado effectivamente em 1846.

Ainda que este edificio não foi construido de proposito para o destino que se lhe deu, preenche comtudo o fim, não só pelas suas grandes dimensões, como pelas condições, que tem, de salubridade.

Pertencia, e cremos que ainda pertence, ao sr. visconde de Veiros.

O Porto, creando um asylo para os pobres, levantou para si um padrão de gloria.

BIBLIOGRAPHIA.

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR DA ILLUSTRÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.—RUA AUREA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Preço por anno, em Lisboa, 1\$300 rs.; semestre, 700 rs.; nas provincias, por anno 1\$570 rs.; semestre 830 rs.

Publicou-se o 30.º num. do 13.º vol., 5.º da presente serie.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V., comedia drama em 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. 480

AS DUAS EPOCHAS DA VIDA, comedia em dois actos por Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. br. 240

CAMÕES E O JÃO, scena dramatica em verso por Casimiro Abreu. 100

VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, por L. A. Rebello da Silva. 2 vol. em 8.º fr. br. 960

Esta excellente obra, saudada com unanime elogio pela imprensa periodica, constitue a primeira parte dos *Fastos da Igreja* do mesmo autor.

DALILA, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º fr. 400

UM QUADRO DA VIDA, drama em 5 actos, por Ernesto Biester. 1 vol. 8.º fr. br. 480

RUDIMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas por F. A. Marques Pereira. 1 vol. 8.º fr. 200

ADDIÇÕES AO MANUAL DO TABELLIÃO, por F. V. da S. Barradas. 1 vol. 8.º fr. 200

POESIAS DE L. A. Palmeirim. 2.ª edição augmentada. 1 vol. 8.º fr. br. 600

OS HOMENS DE MARMORE, drama em 5 actos por J. da Silva Mendes Leal Junior. 1 vol. 8.º fr. 480

O HOMEM DE OIRO, drama em 3 actos (continuação do antecedente) pelo dito 1 vol. 8.º fr. 300

A CRUZ, drama em 5 actos por Luiz de Vasconcellos 1 vol. 8.º fr. 320

MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA, por A. P. Lopes de Mendonça. 1. vol. 8.º fr. br. 720

MEDICINA LEGAL, por Sedillot; traducção do Dr. Lima Leitão. 2.ª edição. 2 vol. 8.º fr. 1\$200

A REDEMÇÃO, comedia drama em 3 actos, por Ernesto Biester, com uma introdução pelo sr. Mendes Leal Junior. 1 vol. oit. fr. 360

NATUREZA DAS COISAS, poema de T. Lucrecio Caro, trad. do Dr. Lima Leitão. 2 vol. 8.º brox. 800

POESIAS DE M. M. Barbosa du Bocage, edição completa em 6 volumes de 8.º fr. 4\$320

A HERANÇA DO CHANCELLER, comedia em 3 actos, e em verso, por J. S. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.º francez br. 400

OTHELLO, OU O MOIRO DE VENEZA, tragedia em 5 actos, imitação por L. A. Rebello da Silva, um vol. rs. 300

O CAMÕES DO ROCIO, comedia em 3 actos por I. M. Feijó, 1 vol. 8.º fr. 300

No Prelo:

POESIAS DE J. S. Mendes Leal, 1 vol. 8.º fr.

COMO SE SOBE AO PODER, comedia em 3 actos por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.º fr.

A TORRE DO CORVO, drama por I. M. Feijó, 1 vol. 8.º fr.